



MIGUEL
GUILHERME



2

nao se esqueça de

MIGUEL GUILHERME

PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NORDESTE
MOBRAL**

JUNHO 1984

**MUSEU DE ARTE ASSIS CHATEAUBRIAND
CAMPINA GRANDE – PARAIBA**



ÍNDICE

Depoimento do Artista	7
Apresentação MOBREAL	9
Crédito documentação	11
Apresentação F. Pereira Jr.	13
Texto de apresentação	17
Resumo Biográfico	28
Ilustrações	38



7

A propósito

Artista Sem Escola, Não.

Ambiente Ingrato Sim....
— ao autêntico artista nunca
falta escola —

Para os amigos que nesta prova de estímulo a arte paraibana incluem o meu nome de artista — mirim, que me cabe, eu tenho na consciência a mesma alegria de um abraço honroso; porque, se me faltava escola, por se tirasse me faltava amor. —

E não faltará jamais.
Miguel



Nas artes, em suas diversas formas de expressão, traduz o artista seu sentimento, ante uma realidade ou abstração, no modo de transmitir cotidiano do passado ou futuro, no tempo às vezes presente.

Miguel Guilherme não se enquadra propriamente em um estilo. Não se fixa, em algum. No seu tempo presente, porém, assegura a sua visão sobre o sentimento da terra áspera, e agreste, e agressiva. Dos momentos retrata alegrias e esperanças, da nudez da seca extrai uma roupagem bela a traduzir o arco-íris que observa, antes, na imensidão das dificuldades do cariri sofrido.

Ano após ano ele foi gravando imagens, traduzindo épocas. Os grandes não o viram, certamente!

Até que através do esforço conjunto da equipe do Museu de Arte Assis Chateaubriand, e o MOBREAL da Paraíba, foi percebida, a hora do resgate de uma dívida enorme para com esse artista. Desde o I Encontro da Cultura Popular Paraíba/82, realizado pelo MOBREAL em Campina Grande, passando pelo Projeto Gincana Cultura/83-Descubra a Paraíba, que a chama de pioneirismo do reviver cultura possibilitou a descoberta de valores, também este: Miguel Guilherme!

Registrar sua obra, agora, além de uma obrigação foi um privilégio para o MOBREAL e para nós outros.

João Pessoa, Paraíba, Março de 1984.

RENAULT VIEIRA DE SOUZA



PESQUISA	COORDENAÇÃO: Maria Cristina Gomes Negrão Participação : Eleonora Bronzeado Mariene Braz Barros Lúcia de Fátima Queiroga
TEXTO	Amaury Vasconcelos
MUSEOGRAFIA	Maria Cristina Gomes Negrão Francisco Pereira Júnior Mariene Braz Barros Marco Antônio Sales
DOCUMENTO FOTOGRÁFICA	Carlos Alberto Alves de Souza Marcos Antônio Cartaxo de Andrade Genaro Freitas Machado Bittencourt Francisco Pereira Júnior
DOCUMENTAÇÃO VIDEOGRÁFICA	DECOM – MOBREAL – RJ Direção: Barthô Andrade Câmera: Antero Duarte Filho Operador de TV : Saturnino Perez Verdan Repórter: Suely Rangel Edição: Coordenação: Márcia Davies Participação: Maurício Aranha Barthô Andrade
CATÁLOGO	Programação Visual: Francisco Pereira Júnior Produção: Grafset Ltda.
FONTES DE CONSULTA	Miguel Guilherme dos Santos Diário da Borborema Jornal da Paraíba Correio da Paraíba Gazeta do Sertão



Entre as tarefas que compete a um Museu, a Pesquisa e a Documentação representa uma das mais significativas atividades, quando possibilita o exame ou estudo de objetos ou fatos no espaço e no tempo das relações culturais e físicas, permitindo interpretações e garantindo a preservação da memória, tão necessária à compreensão das coisas. Normalmente esses esforços são dedicados a acontecimentos conhecidos, deixando-se de lado fatos aparentemente insignificantes, pela tendência natural que temos em trabalhar territórios experimentados. Perde-se às vezes assim oportunidades para novas descobertas e ampliações de conhecimentos. Acertou portanto o Museu de Arte da FURNE e a sua equipe, na decisão de levantar a memória construtiva desse peculiar artista paraibano, dono de uma industriosa e criativa ação cultural, agora apresentada nesta exposição documental e neste impresso.

Iniciei o contato com a obra de Miguel Guilherme, como tantos outros campinenses, a partir da pintura do forro da Catedral de Nossa Senhora da Conceição, naquela época praticamente na cidade o único exemplar original de expressão pictórica. Anos depois, participando da equipe responsável pela implantação do Museu, deparei-me com várias pinturas doadas pelo artista que tanto me havia deslumbrado na infância. Estranha coincidência que tanto me influenciava no gosto estético de antes e que depois se apresentava diante dos meus olhos satírico, irônico, telúrico e discursivo. Vim saber então que o autor daquelas peças era agente de muitas e diferentes expressões e não só apenas Sacra, e não habitava um grande centro, consagrado e conhecido mas, vivia no interior da Paraíba numa pequena e nunca lembrada cidade do Cariri. Logo depois, como Diretor do Museu, passei a dedicar especial atenção ao artista, mas as tarefas de organização daquela casa não permitiram que me dedicasse a um trabalho em torno dele, apesar da consciência da sua importância e necessária avaliação. Coube essa tarefa à museóloga Cristina Negrão, que iniciou seu interesse a partir das leituras e informações escassas e longas conversas que mantivemos diante das obras existentes no Museu, quando sempre era possível minha presença em Campina Grande e visitava o Museu para rever amigos e o espaço que durante alguns anos dirigi. Esse propósito, que atravessou várias gestões administrativas, finalmente teve o reconhecimento e o apoio da Reitoria e do MOBREAL, e encerra uma etapa e possibilita a partir desse trabalho sua ampliação e

coincidentemente, acontece na gestão do professor Edvaldo de Souza do Ó, fundador do Museu, naquela época, Reitor da FURNE. O esforço na concretização desse objetivo teve também a efetiva participação da ex-Diretora do Museu, Eleonora Bronzeado e de Mariene Braz Barros, que se dedicaram com afinco e amor à tarefa.

Miguel Guilherme pode agora ser apreciado completamente e não fragmentado como até então era conhecida sua obra rica e fecunda de pintor sacro, arquiteto e construtor, escultor, poeta, desenhista, ilustrador, pintor de temas populares e telúricos e, acima de tudo animador cultural. Finalmente se faz justiça a esse gênio paraibano que durante mais de meio século de atividade trabalhou no silêncio da sua criação, refletindo seu espaço existencial e vivendo unicamente do seu trabalho, afastado de centros maiores, muitas vezes fabricando suas tintas e seus pincéis, reinventando tudo à sua maneira — exemplo maior de dignidade artística e fidelidade ao seu mundo — contemporâneo das suas idéias e da sua trajetória, unicamente.

João Pessoa, 05 de maio de 1984.

FRANCISCO PEREIRA JÚNIOR
Professor Coordenador do Núcleo de Arte Contemporânea
da UFPB
Ex-Diretor do Museu de Artes da Universidade
Regional do Nordeste

AGUARDE!

1º SENTIMENTAL 42

EXPOSICÃO DE 1934

(RE-RETOLECTIVA)

NESTE MUSEU

- Ainda este Ano -

==

"Quem inventou a Saudade
 Dêve ter sido um velhinho,
 Falando da mocidade
 Ao seu querido netinho."

DO MEU LIVRO DE MEMÓRIAS
 "HORIZONTE QUE RENASCE"
 - NO PRELO -

Sumé
 -6-22-

M. Guimarães



9



10



11



12



13



I—DO CARIRI BRANCA FLOR DO CARDEIRO ORNANTE DA ARTE PARAIBANA

O Museu de Artes “Assis Chateaubriand” idealizou, e teve o apoio do MOBRRAL, da FURNE, DAS PREFEITURAS MUNICIPAIS DE CAMPINA GRANDE E SUMÉ, para recolocar no seu verdadeiro lugar, a reverência, a reposição histórica, a divulgação artística, ao olvidado, ao esquecido, e sobretudo, desconhecido, ignorado, injustiçado, pintor, escultor, pensador, teatrólogo, poeta caririzeiro — MIGUEL GUILHERME DOS SANTOS, nascido em Sumé, Paraíba, em 15 de agosto de 1902. E que ali tivera e tem, seu universo, espaço de pequena e restrita área para arejar seu gênio. O biografado mal conhece sua capital.

Evoco que aos 13 anos, certo domingo, fui à missa solemne na Catedral de Nossa Senhora da Conceição em Campina Grande... E corria o ano de 1940.

Menino, onde a curiosidade às coisas da arte se antecipava até ao libido, quedei-me boquiaberto, na beleza da pintura, “acadêmica-ingênuo”, de passagens santas, que ornavam genialmente aquela abóbada.

Quase não cantava; só não tirava os olhos das passagens bíblicas, e que admirou minha alma de menino pobre, que não esperava fosse ver um dia, pelo mundo, a civilização ocidental, e por aí a fora, na Europa e América Latina, em perfeição de sua arquitetura, pintura e escultura, desde a pré-colombiana-mexicana ou azteca, bizarra, ou a seu futuro cultural artístico, a neo-ibérica, ou moderno com Rivera ou Morado; ou ainda, a incáica de Lima, Cusco, ou Machupichu, nas suas “evoluções “criolas”, com influências mais tarde renascentistas de Rubens a Rembrant, ou na anterioridade de Fra Angélico, tudo, finalmente, no barroco latino-americano, onde lá como aqui, nascia, tropical, renovada, nossa arte de artistas natos, até à nossa também arte barroca-colonial, pelo Aleijadinho em Minas, ou à Igreja de São Francisco em João Pessoa, nosso maior patrimônio barroco paraibano e, quiçá, brasileiro.

E meus olhos vieram tudo na pintura religiosa romana do mundo e por todas as escolas, tudo não só nacional (mineira, baiana, sergipana, pernambucana ou paraibana) mas internacional também, em nosso Miguel Guilherme, na sua arte de nossa então Matriz, na apreciação daquele teto, eu iniciava meu gozo pelo belo, pelo “Supremo Bem” de que nos fala Platão, e que mais tarde se repetiria, igualmente, como nos monumentos acima citados.

É assim minha própria história, pela qual comecei a

emocionar-me desde Miguel Guilherme, passando por Pedro Américo, meu biografado, não só pela incitação paterna, mas para conhecê-lo e amá-lo, mas me comprazendo, ter conhecido, "in loco", desde os maiores museus do mundo, às suas obras mais imortais.

Daí posso hoje analisar, não como crítico de arte, mas como historiador, a genialidade pictórica de Miguel Guilherme, vendo nas suas Imaculadas ou Madonas, a estampa ou a apresentação, de Senhoras-Mãe-de-Deus, não negras, como contemplei na nossa Padroeira de Aparecida ou em outros locais da orbe, mas mães de cenhos tristes, desesperançadas, vítimas do quadro de fome, desemprego, viuvez precoce, por cangaços ou doenças endêmicas, na tristeza da ausência de filhos e esposos, igualmente delas separados pelas emigrações das "retiradas".

Ele retrata, a Mãe Nordestina, sofredora das secas, maltrapilha das mudanças, tostadas de um sol cuja inclemência fustiga, lambe águas avaras, cresta milharis, algodais, destruindo criações, cujos mugidos de dor, pela fome e pela sede, une-se o cantar triste da araponga, ou o arrulhar plangente da "rolinha" numa sinfonia, da tristeza desta região que, mesmo assim, maltratando, não afasta se não com protesto íntimo, de um retorno o caririzeiro, o sertanejo.

Mas Miguel Guilherme, não marcaria somente a mim, pré-adolescente. Evoco que, certo dia, em Areia, no meu modesto lar, voltava minha querida mãe como romeira que fora pagar promessa ao milagreiro São Severino do Ramo. À mesa, em seu retorno, esquecia a fervorosa alegria de sua alma, quitada com a oferta ao orago de sua fé, ingênua, ignorante, trouxera como imagem mais impressionante, a emoção, o extase ao belo que provara ao visitar as Igrejas matrizes de Monteiro, na Paraíba e Sertânia em Pernambuco. Ela falara, ela admirara, mas não sabíamos se ali estava, o pincel mágico matuto, sem escola, o autodidatismo, a representação de místicas invocações, o telista telúrico, debuxador da panorâmica xerofila, acizentada, crestada, intensa de luz, de uma região, que nosso estudado, fotografa, avidamente, em faces encovadas de santos, em fisionomias, esqueléticas, amarelecidas e tristes dos caririzeiros, dos quais o artista e seus familiares, é um dos muitos.

Nessa ingênua (minha e de minha mãe) concepção artística, não sabíamos, se estávamos diante de um gênio nativo da pintura, onde seus anjos, agora vemos e sabemos, refletem o telurismo, a transsumância, que é a vontade irre-

sistível do sertanejo, de fugir da intempérie, mas incontinentemente voltar ao chegar o inverno. O nordestino, é sociológico, antropológico; emigrante no intervalo de uma estiagem, volta para com o cair das chuvas. Por isso, o relâmpago, é o verde de sua esperança, onde o horizonte é o limite de seu desejo.

Daí, não são rechonchudos seus querubins a Murilo, Fra Angélico, Giotto, Rubens, ou daqueles crioulos cusquinhos, ou barroquinhos de nossa arte colonial. Tem eles nordestinos, faces descarnadas, olhos vagos, são crianças sem risos. E, pode haver pior lugar, se não aquele onde crianças não riem? Os paraibanos maiores de nossa pintura, Pedro e Aurélio de Figueiredo, para falarmos nos acadêmicos, os contemporâneos: Santa Rosa, ou os atuais figurativos da nova geração, buscaram pouco, como o primeiro destes, ou nada nos segundos, da paisagem da seca, mas o são, substituídos, pelos "primitivos" que nada fazem sem a inspiração dessa paisagem tétrica mas real, enquanto isto Portinari em toda sua genialidade, matizou na modernidade de sua palheta, algo de nosso ambiente árido e pungente.

Nosso estudado, somente agora justificado, é de corpo inteiro, na sua pictórica mística, de igrejas ou de capelas, em seus quadros, esculturas, ou "gravuras", como ele chama suas ilustrações, ou pequenos pastéis, ou, até ao esgrimir sua pena de poeta ou pensador, como todo artista, é o que "expulsa" do íntimo, na materialização da obra pela inspiração, todo turbilhar do seu mundo subjetivo. A esteriorização é criação. A natureza adusta de seu rincão empobrecido e hostil, é mundo de sua inspiração criativa. Mesologicamente é reagente pelo racionar de sua arte, para vencer como protesto, suas franquias e sofrimentos. A dor surge como inspiração. Alegria e prazer, são a realização na esterioridade do produzido.

E Miguel não foge à regra de todos os artistas nordestinos, tornando-se como os demais, um "figurativo", oriundo deste canchala semi-desértica, encarrascada de cactos e de bromélias, de chilrear ou assovios de répteis e de juritis, de pedregais e de espinhos, onde tudo é asperezas, a plasma-rem uma raça de teimosos, e de fortes, de fixos ou inarredáveis e enfeitados, que buscam para anestésico de seus sofrimentos, a veneração de santos e taumaturgos, falsos ou improvisados às suas credices. É assim, como os outros — um telúrico — um autêntico.

// A arte de Miguel, igual ao santo que lhe emprestou o



15



17



16



nome, é também guerreiro, sendo ele, outro lutador, que não teve espadas, mas teve pena e pincel, martelo e cinzel, para lutar contra os diabos da ignorância, os flagelos da indiferença, a resignação do catolicismo fanático, a teimosia com cheiro de terra molhada por escassas chuvas. É EL Cid caririzeiro a mostrar em sua arte, a luta tenaz dos contrários como ele, sem pão, sem letras, sem instrução ou confortos.

Anti-clerical, anti-fervoroso, é novo El-Greco, pinta santos mas não os adora, embeleza igrejas mas não reza, propaga a fé, mas não a aceita. É um irreverente. E, interessante, não o faz somente no pincel, e destila tudo de seu agnosticismo, em seu verso, nativo, como ele próprio:

Aqui viveram meus pais
Sofrendo a mesma agonia.
Enquanto mamãe rezava
Papai, coitado, bebia!
E minha dor não tem par
Escute o que vou dizer:
Não aprendi a rezar
E nem tão pouco, a beber”.

Sua obra de pintor místico-religioso, onde a arte não foge mais uma vez a adoração a Deus, como desde suas origens, é igualmente linguagem simbólica e expressiva pela qual, o homem prestou como presta veneração e respeito a seus deuses e heróis. Começou Miguel pela igreja de Monteiro, a primeira no nosso Cariri, mas a segunda em nossa “hinterlândia” paraibana, desde que nos tempos coloniais surgiu em Souza a Capela da Fazenda Acauã com pinturas em seu teto, arquitetura, e escultura no estilo barroco, seguida cronologicamente, da Nossa Senhora do Bom Sucesso em Pombal, embora desprovida de pintura figurativa. É destaque arquitetônico de época.

É mister, que as citemos, como registro histórico por sua interiorização maximé, mais próxima da iniciante colonização litorânea, na várzea do Paraíba, onde numa das suas nascentes, despontou e vive nosso pintor, com suas pinturas que surgiram e ainda hoje resitem ao tempo, a Igreja de Nossa Senhora do Socorro, da Batalha, e do Patrocínio, prédios que são de nossa religiosidade, e invocação de nossos heróis, vencedores de gentios ou expulsos de outros estrangeiros invasores.

Miguel Guilherme assegura que ali, em Monteiro, onde retrata a “CRUCIFICAÇÃO E A RESSUREIÇÃO DE

JESUS CRISTO”, está sua obra prima, malgrado tenha sido sua primeira grande pintura religiosa.

Enfoco o artista agora, de maneira melancólica, quanto à sua passagem entre nós. Em 1934, a convite de nosso vigário José Delgado, mais tarde Bispo e Arcebispo, atualmente resignatário da Arquidiocese do Ceará, sob contrato, pintou ele, o teto de nossa ontem Matriz, e hoje Catedral. Tudo mal pago, posto que, se subordinara à vil compensação pecuniária na esperança de que, no centro maior, encontraria um Mecenaz, um Protetor, que lhe assegurasse em Recife, Rio ou São Paulo, ou quiméricamente no exterior, os estudos para o aperfeiçoamento de sua genialidade. Ali, fez a belíssima criação. Na nave, a invocação de Nossa Senhora da Conceição, cercada de um cortejo de anjos. No altar-mor centralizou Jesus Cristo, como pastor, portando um cajado, símbolo do cuidado e proteção a todas as suas ovelhas. Nas laterais, representou na “Última Ceia”, a traição de um dos apóstolos, para no outro lado, repetir sem o saber, o que o imortal El-Greco, fez no seu quadro “A Morte do Marqués de Quezar”, colocou os maiores benfeitores de nosso templo, com retrato fiel, sobressaindo-se o grande médico campinense Chateaubriand Bandeira ou Agábito Magalhães, e muitos outros de igual destaque.

Belíssimo o conjunto, impressionante a Nossa Senhora ou o Cristo, onde um manto vermelho em dobras perfeitas, acompanhava-lhe a dominadora postura, tudo real, na impressão de suas faces serenas e confiantes.

A proporção na perspectiva era perfeita, embora faltasse ao intuitivo artista, o anatômico das formas. Era magnífico o todo das tonalidades, o colorido esmaecido, ou vigoroso, em belo contraste.

Ali se revelava ele, dominador de tonalidades vivas, figurativo de grande expressão, fazendo predominar perspectivas imensas, com simetria e proporcionalidade perfeita. Falta-lhe contudo, no que é claro e lógico, o destaque anatômico tão próprios aos renascentistas, ou sucedâneos. Note-se, em tudo, Miguel o faz, sem que como o diz, não conhecesse sequer por álbum os grandes pintores universais de Leonardo a Rafael, de Pedro Américo e Amoedo, de Aurélio a Portinari.

Mas, ironia do destino, em 1963, mandaram retirar o teto, removendo assim, destruindo assim, de maneira incompreensível, a jóia de arte, que ornava nosso principal tem-

plo católico. Deus que perdoe, o crime de lesa-cultura que praticaram por este motivo, ou outra versão, também não justificável de que o teto estava ruindo. E porque não restaurá-lo? O pintor, numa entrevista assegura que se ofereceu a este trabalho.

O nosso pintor ainda fez o teto e parte de paredes da Fazenda Feijão, em seu Município de origem, ou a própria igreja de sua modesta urbe, de onde viu, com tristeza e decepção, removerem suas esculturas pétricas de anjos que encimavam, aquele modesto templo, e hoje guardados consigo. A calça, por ordem clerical e iconoclasta e bárbara, cobriu tudo, deixando pequena figuração, desde que o protesto veio.

E Miguel, apenas, humildemente, numa de suas únicas oportunidades, onde fora entrevistado por uma jornalista exclamava:

“Não. Não me revolto; por certo estou num tempo, em que o que fiz, tirando de dentro de mim mesmo, não interessa aos de hoje, ou quem sabe? eles não merecem o que fiz.”

Sertânia, no sertão pernambucano, guarda com carinho, em sua matriz, a obra de Mestre Miguel, com veneração e orgulho, admiração e júbilo.

Pudera! Aí! estão em belos retábulos, tringulares passagens simbólicas da vida de Jesus Cristo-Crucificado, onde resume a intuição autodidata do gênio sertanejo, que se não cora ao pintar a anatomia do corpo repregado, retesado em seus músculos e contorcido em sua face.

O artista se supera, no Cristo ressurreto, na face alegre da conquista do bem supraterrano. É um paradoxo, faz o artista no seu pincel, o que não crer. É sincero, contudo, ao descarnar as faces e os corpos, de Cristo e de seus figurantes. Impressionista, subjetivo é no retrato, dos seus, magros, saídos pelo esmagamento e sofrimento do meio adusto, que se arraiga na mente e assume no pincel.

É assim Miguel Guilherme, o Ífrio de genialidade que viceja, resistente, plantada sobre a rocha de sua terra, parecendo mesmo ser a flor do espinhoso cardeiro, tão simples, sem perfume, mas adornante como a flor branca da jurema de seu cariri, tão amado, tão esquecido como ele próprio.

O menino gênio, que rabiscava com garranchos a terra ressequida, depois, revelando-se nos desenhos dos papéis de embrulho, ou atirados ao lixo. A criança somente alfabetizada aos dez anos, é o dotado de outras inspirações. Miguel, na pintura foi telista de muitas produções espalhadas por meus como o nosso, Assis Chateaubriand, onde se encontra reverenciado e admirado, quer com “Meu cariri em duas épocas”, o contraste ressaltante de sua terra no inverno ou na seca. Em “Abraço do Candidato”, é a crítica mordaz àqueles que, somente abraçam, prometem e mentem na fase eleitoral.

Em “Cantinho de meu lar” é o mesmo fiel a sua paisagem, retratando sua alma simples, modesta, no digladiar de seu ego, em desejos de vãos geniais, que se pára no impossível do realizar-se. E, não há outro caminho senão conformar-se.

“Relembrando Catulo” é a sua homenagem de poeta, ao maior de todos os aédos matutos, emulação de José da Luz, Zé Gonçalves, sendo ele um próprio, pintor em rima e métrica.

Se Pedro Américo se auto-retratou, aos 11 anos, repetindo-se no contexto da Batalha de Avaí, como o fez El-Greco, Picasso, ou tantos outros, Miguel, se apresenta o próprio, em “Auto-Didata”. É certo, af se confirma ele, em si mesmo, o modesto, o simples, o que aprendeu sem mestres, produzindo igual a eles.

É rica sua pinacoteca espalhada, e o que é mais interessante, poucas vezes em venda, sempre em doações.



19



20



21



22

23



II—DO ESCULTOR QUE POEMIZA NA ROCHA, OU NA MADEIRA A BELEZA VIDA DA FORMA

Eu falo agora, de Miguel, não o Guilherme, da maviosa pintura, mas, o escultor.

Falo deste, que ele próprio perfila em suas ignotas memórias:

“... revelo-me o menino que aprendeu o ABC, já com 10 anos, embora já viesse desenhando coisas a carvão de brasas, pelo chão, ou com um pano enrolado em pau (não conhecia pincel) e pintava com eles cartazes, em troca de uma entrada nos circos mambembes”.

Agora estudamos o escultor, que não gosta deste “metier”, fazendo-o, diante da necessidade de sobreviver como artesão. Mas em meio ao seu mundo de “pedras e espinhos”, como ele o chama, foi buscar o calcáreo para suas estátuas ou bustos, ou na umburana de suas calcinadas planuras, os blocos ou troncos disformes, para as suas mais destacadas obras: O Cristo no topo da Matriz, a estátua do Pe. Sílvio Mello, A Natureza Morta, em uma residência, ou os Anjos, que encimavam a Igreja, e que os recolheu, quando ingratamente, o pároco de sua terra, tirava a pintura, cobrindo tudo de calça, ou descia os que criava ele humildemente, foi buscar, e os conserva consigo no seu modesto atelier. Todas estão em Sumé, mas orgulha-se, o bastante da Rainha do Sertão, colocada em praça de Sertânia, e que é invocação a Nossa Senhora da Conceição.

A sabedoria popular nordestina, imortalizada na argúcia de João Grilo, no Auto da Compadecida de Ariano Suassuna, ou no versejar espontâneo, fácil, improvisado, ao som de viola, ou pandeiro, em bardos famosos como Cego Adraldo, Ugulino da Mãe-D'Água, Inácio da Catingueira, o escravo improvisador, ou a poesia romanceada, no Cordel de Leandro Gomes de Barros, Manuel Camilo dos Santos

ou João Martins de Ataride, é flor silvestre, com cheiro de terra seca ou barro molhado, ou sangue vertido no cangaço, nos crimes de honra, por ciúmes ou traições em delitos de amores de juras eternas.

Nosso verso caboclo, é aquele onde o linguajar reflete a ecologia nossa, viva e palpitante, onde o homem histórico de ontem e de hoje, carregado de problemas sociais, lutas e sofrimentos, recorrente a religiosidades fanáticas, ou de credices e mandingas, fá-lo inserido no todo contextual de uma paisagem, ora ressequida por secas cíclicas e trágicas ora de invernos, arrasantes, apoucados e raros.

Estas necessidades ou farturas, paradoquais, cria em nós, índole boemia, alegretã, dando frutos a uma inseiração vocacionada. Eclode o poeta matuto, surge o músico de composição inspirada. E aí de nós sem eles, intérpretes de nosso riso ou de nossa lágrima. Por isso, obviamente Claudel dizia: “Se o mundo havia de ser salvo, seria pelos poetas”.

Por esta forma descreveram eles tudo. Catulo da Paixão Cearense o primeiro, fazendo escola com Zé da Luz, Renato Caldas, Rosil Cavalcanti, Zé Praxedes, e, atualmente, em nossa terra, Zé Gonçalves, Zé Laurentino e tantos outros.

Mas nosso estudado não foge à regra, extravasando, protestos exprobandos repulsas, na pena como no pincel, no escopo, como no cinzel. É mestre também nosso biógrafo, na palavra rimada, metrificada, vindo tudo do recôndito de sua alma inquieta, de sua verve multifária.

Nascí neste Cariri

E pinto desde menino

Devendo morrer aqui

Não há erro no destino.

Errar assim é vantagem

Quem muito ama não erra

Sempre me falta coragem

De deixar a minha terra.

No colorido alí, ou na palavra aqui, destila-se no mesmo âmago, o fenômeno de relação, terra hostil versus homem persistente. É partir, pensando voltar, ir levando o saquinho de terra, para olhando-o matar a saudade. É sentir essa, que o poeta paraibano já disse dela:

“A vontade de ver de novo”.

E como no painel, no quadro, na tela, agora em palavra, a evocação do burgo, terna lembrança da aldeia, que alguém já disse: se queres escrever a história do mundo, conta a de tua aldeia”. Todas a mesma face, o igual rosto, na mesma angústia, a mesma melancolia. O caráter humano é uno, a alma é uma só, de mesmo riso, ou mesma lágrima. O idêntico drama, as mesmas paixões. E, por isso, Miguel diz:

Sumé cidade morena.

Toda queimada de sol

Eu sinto na minha vida

A mesma alma ferida

Na força deste crisol.

Os dias que se passaram

Foram águas que rolaram

Para fazer-te chorar.

Com um sinal de desgosto

Que ainda marca teu rosto.

Seu versejar é evocativo, saudoso, triste, como o arrulhar

de "rola cambute" ou plangente, como o canto do "nham-

bu". É solitário que a glória, somente revela tardiamente.

"Quero viver isolado

Bebendo água nas fontes

Olhando as flores dos prados

Subindo ao longo dos montes.

Serei assim mais feliz

Ouvindo acordes gentis

Do canto do Curio

Olhando o céu azulado

Ou levemente dourado

Nas horas do por do sol.

Olha-se o vate para dentro de si mesmo, e recolhe em sua melancolia, a revelação do tempo, e a recordação da mocidade longínqua, na velhice ora vivida, e diante disto exclama:

As coisas da mocidade

Todas vão caindo fora

Mas a teimosa saudade

Embirra e não vai embora".

Na prosa, veja como retrata preciso e lapidar, à maneira de José Américo, tão forte e vigoroso:

"O passado é montanha azul de nossas evocações; Quanto mais se afasta, mais fascina".

E lembra ainda mais o imortal areiense, parecendo influenciado pela sua Bagaceira, quando memorialista, iembrando a mãe e seus cuidados maternos.

"... nos envolvia em paninhos limpos cheirando a sol".

Sua prosa, revela o estoíco, e conformado, o filósofo matuto, ao sentir em seu arredado mundo, a pancrâmica de hoje, em afirmações tão autênticas e próprias, vistas de onde se encontra:

"Sei, a culpa é minha, querer viver num "ambiente" adverso às expressões de amor e espírito como o meu".

Certamente, repele a indiferença, o desprezo a tudo que luz, reagente ao meio, conservando seu atelier, que fez escola, e não conseguiu alunos, para o suceder. Fez teatro, onde redigia as peças, pintando os cenários, diretor em cena. Com Oliveira Filho, fazendo o Jornal, de Sumé, onde publicou suas poesias, suas memórias, seus pensamentos.

Em carta confessa a seus desavisadores e responsáveis

pelo seu justiciamento, e recolocação no destaque das artes paraibanas:

"Contudo é somente nos painéis e na pena, que encontro um pouco de seriedade ao meu idealismo".

Miguel em sua abnegação às coisas do espírito, não procura somente, ensinar as artes, mas exemplificar, com sábios conselhos a própria vida e com cujas modernidades, não se compraz, e no Jornal de Sumé, escreve:

"Meu jovem sinto a tristeza de um bem que não tive, mas estou confortado por vê-lo hoje ao vosso alcance. Sei que todo princípio é hesitante e falho, porém a glória de persistir, é própria dos homens. Aproveitem bem o contato dos livros e dos mestres, como se fosse esse o fato mais importante da vida".

E, ainda confessa, platonicamente:

"Abraço, num amplexo global a todos aqueles que acreditam na felicidade pela cultura e pelo trabalho honesto".

Novo Eça, não sendo Jacinto, da Serra do Sumé, envia ao Museu na cidade, que agora o homenageia, em epístola, a confissão de suas apreensões com o conturbado atual:

"Minha filha, não sei porque a teimosa, crise econômica, não deixa em paz, aqueles que se dedicam à cultura e a beleza".

Como me senti honrado, da tarefa, mas a um crítico de arte, que a um pretensão historiador, e admirador das belas artes. Sinto-me pequeno, para mostrar este homem notável, este artista excepcional, este ser imensurável, de sensibilidade agudíssima, paisagista de tudo que o cerca, imortalizando o seu redor, em prosa e verso, martelo ou escopo, palheta ou cinzel, debuxando o seu mundo onde a dor instiga, o amor constrói, na ausência de egoísmos mas na vontade espontânea que cria e imortaliza.

Vivi momentos felizes, ao sem conhecê-lo pessoalmente, estudá-lo, revelá-lo em corpo inteiro.

Como últimas palavras, lembro o genial Gorki, falando do não menos imortal Tolstói:

"Vejam que homem maravilhoso existiu (existe ainda, digo eu) na terra".

Mas para terminar, deixo o fecho na lapidar frase deste magnífico Miguel Guilherme dos Santos, que parece conhecer Giordano Bruno, ao exclamar diante da fogueira: "Eu lutei, isto me basta" Tranquilo do dever cumprido, diz meu querido e desconhecido perfilado:

"QUEM FEZ O QUE PÔDE, JÁ FEZ TUDO".

Campina Grande, Maio de 1983.

AMAURY ARAÚJO DE VASCONCELOS





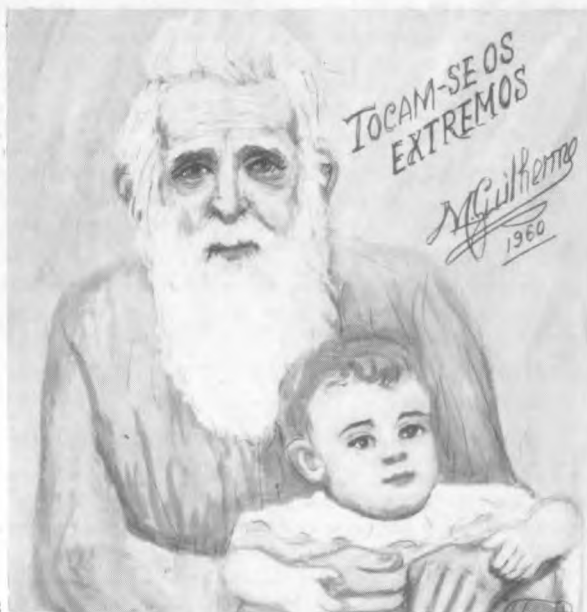
25



26



27



28

RESUMO BIOGRÁFICO

Autodidata, pintor, escultor, construtor, pensador, teatrólogo e poeta.

- 1902 — Miguel Guilherme dos Santos nasce em Sumé, cidade do Cariri Paraibano, em 15 de agosto. O pai chamava-se Manuel Guilherme dos Santos, era fabricante de chapéus de couro, natural do Crato, Ceará. A mãe, Maria Francisca do Espírito Santo, era tecelã e nasceu em Catende, Pernambuco.
- 1912 — Vai residir na Fazenda Pedra Comprida, onde é alfabetizado.
- 1918 — Começa a produzir ativamente como pintor. Executa o primeiro trabalho: Uma Asa Branca Engaiolada.
- 1928 — Participa da construção da Igreja Matriz de Sumé. Concluída em 1932.
- 1930 — Casou-se em novembro com Josefa Leite de Oliveira, no Sítio Tigre, com quem teve seis filhos: Abelardo, João, Leonardo, Maria Emília, Maria Salomé e Maria Elizabete.
- 1931 — Participa de uma pequena Exposição no Clube de Dança, em Monteiro, PB. Quando foi designado à elaborar as pinturas da Igreja Matriz de Monteiro.
- 1932 — Executa seu 1º trabalho sacro — Pinturas na Igreja Matriz de Monteiro.
- 1934 — Elabora as pinturas da Catedral de Campina Grande — Matriz de Nossa Senhora da Conceição — que foram destruídas em 1963. Recebeu 20 mil réis por dia para executar o trabalho.
- 1935 — Executou as pinturas da Capela de São Sebastião, na Fazenda do Feijão, em Sumé. De propriedade do Sr. Jorge Lucas da Silva.
- 1936 — Elabora sua primeira escultura — Busto do Francês Adolfo Mayer.
- 1940 — Projeta e constrói seu Atelier de Arte, na cidade de Sumé.
- 1956 — Elaborou as pinturas da Igreja Matriz de Sumé e reformou a Fachada Principal da Igreja. As pinturas foram destruídas na década 70, restando somente uma: a Figura de Nossa Senhora circunscrita em moldura.
- 1958 — Executa em Sertânia, Pernambuco, pinturas em duas Igrejas: na Igreja Coração de Jesus e na Matriz de Sertânia. Concluídas em 1960.
- 1965 — Nasce, Altemar, seu 1º neto, pintado por ele.
- 1974 — Espontaneamente, o povo de Sumé atribui seu nome a uma rua da cidade.
- 1976 — Recebe Menção Honrosa do Conselho Estadual de Cultura da Paraíba na VII Noite da Cultura.
- 1980 — O Museu de Arte "Assis Chateaubriand" da Universidade Regional do Nordeste, inicia o levantamento do seu trabalho.
- 1983 — Participou da Gincana Cultural, "Descubra a Paraíba" promovida pelo Mobral, recebendo o 2º prêmio no campo das Artes Plásticas.
- 1984 — O Museu de Artes "Assis Chateaubriand", com o apoio do Mobral da Paraíba, realiza Exposição Antológica e edita Catálogo sobre sua obra.





30



31



32



33



34



35



37







40



41



43



42



44 45



46









51



52



53



54



55



56

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

- 1 - "Autodidata" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1942 - 0,635 x 0,725m - Coleção Museu de Arte Assis Chateaubriand, FURNe.
- 2 - "Logotipo" - Técnica Mista - 1980 - Atelier do Artista.
- 3 - Foto do Artista - Machado Bittencourt
- 4 - Foto do Artista pintando - Década 30.
- 5 - Foto de Miguel e Padre entre imagem executada pelo Artista.- Sertânia, PE.
- 6 - "Crucificação" - Forro da Igreja Matriz de Sertânia - 1958/60 - Sertânia, PE.
- 7 - "Auto Retrato" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1984 - 0,53 x 0,39m - Coleção do Autor.
- 8 - "1ª Sentimental" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1982 - 0,44 x 0,70m - Coleção Museu de Arte Assis Chateaubriand - FURNe.
- 9 - "Lavrador" - Técnica Mista - 1978 0,69 x 2,05m - Mural do FUNRURAL Sumé.
- 10 - "Natureza Morta" - Têmpera/Eucatex Ass. Dat. 1970 - 0,33 x 0,545m - Coleção do Autor.
- 11 - "O Caçador" - Óleo/Papelão - 1940 0,31 x 0,28m - Coleção do Autor.
- 12 - "Fujões" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1980 - 0,365 x 0,607m - Coleção do Autor.
- 13 - "Lembrando Catulo" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1940 - 0,455 x 0,745m Coleção Museu de Arte Assis Chateaubriand - FURNe.
- 14 - Forro da Nave - Catedral de Campina Grande - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição - 1934 - Destruído em 1963.
- 15 - "Procição" - Forro da Nave - Catedral de Campina Grande - 1934 - Destruído em 1963.
- 16 - "Estrela" - Forro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição - Sumé 1956 - Única pintura existente das executadas pelo Artista nessa Igreja. As outras foram destruídas na déc. 70.
- 17 - Forro da Nave - Igreja Matriz de Monteiro - 1932 - Monteiro, PB.
- 18 - Foto do Artista diante de seu Atelier em Sumé.
- 19 - "Nossos Dramas" - Têmpera/Eucatex Ass. Dat. 1943 - 0,585 x 0,815m - Coleção Museu de Arte Assis Chateaubriand - FURNe.
- 20 - "Meu Cariri em Duas Épocas" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1960 - 0,595 x 0,81m - Coleção Museu de Arte Assis Chateaubriand - FURNe.
- 21 - "Revendo o Passado, Fazenda Tigre" Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1979 0,405 x 0,545m - Coleção do Autor.
- 22 - "Teimando Prá Ficar" - Técnica Mista/Eucatex - Ass. Dat. 1980 - 0,385 x 0,52m. Coleção do Autor.
- 23 - "Herói Anônimo" - Técnica Mista - 1963 - 1,17 x 3,26m - Mural na Praça Adolfo Mayer, Sumé, PB.
- 24 - "Recordar é Viver" - Têmpera/Eucatex Ass. Dat. 1965 - 0,455 x 0,605m - Coleção Museu de Arte Assis Chateaubriand - FURNe.
- 25 - "O que é o Encanto da Lua?" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1981 - 0,50 x 0,57m - Coleção do Autor.
- 26 - "Pensando no Silêncio do Luar" - Têmpera/Eucatex - 1963 - 0,69 x 0,49m Coleção do Autor.
- 27 - "Cantinho do Meu Lar" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1940 - 0,62 x 0,485m Coleção Museu de Arte Assis Chateaubriand - FURNe.
- 28 - "Tocam-se os Extremos" - Têmpera/Papelão - Ass. Dat. 1960 - 0,435 x 0,36m - Coleção do Autor.
- 29 - "Expulsão dos Santos do Altar" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1975 - 0,51 x 0,67m - Coleção do Autor.
- 30 - "Via Sacra" - Altar-Mor e laterais Igreja Matriz de Monteiro - 1932.
- 31 - "Visão de Cristo" - Forro da Igreja Coação de Jesus de Sertânia, 1958/60 Sertânia, PE.
- 32 - "Nossa Senhora com Flores" - Forro da Igreja Matriz de Sertânia, 1958/60 Sertânia, Pernambuco.
- 33 - "Ressurreição de Cristo" - Forro da Igreja Coação de Jesus de Sertânia, 1958/60 - Sertânia, PE.
- 34 - "Pregação de Cristo" - Pintura lateral Capela de São Sebastião - 1935 - Fazenda do Feijão - Sumé.
- 35 - "Beijo de Judas" - Pintura lateral - Capela de São Sebastião - 1935 - Fazenda do Feijão - Sumé.
- 36 - "Batismo de Cristo" - Pintura lateral Capela de São Sebastião - 1935 - Fazenda do Feijão - Sumé.
- 37 - "Crucificação" - Forro Catedral de Campina Grande - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição - 1934 - Destruído em 1963.
- 38 - "Via Sacra e Decoração" - Igreja Matriz de Monteiro - 1932 - Monteiro, PB.
- 39 - "Via Sacra" - Forro Capela São Sebastião - 1935 - Fazenda do Feijão - Sumé.
- 40 - "Busto de Adolfo Mayer" - Cimento e ferro - 1949 - 0,56 m alt. - Praça Adolfo Mayer - Sumé.
- 41 - "Retrato de Adolfo Mayer" - Técnica Mista/Eucatex - 1974 - 0,60 x 0,45m Coleção do Autor.
- 42 - "Retrato de Vereadores" - Técnica Mista/Eucatex - 1982 - 0,39 x 0,94m - Coleção Prefeitura Municipal de Sumé.
- 43 - "Estátua do Padre Sílvio Celso de Melo diante da Igreja Matriz de Sumé - 1974 1,70 m altura.
- 44 - "Túmulo e Escultura de Pedro Leite" Cimento e ferro - Cemitério de Sumé.
- 45 - "Túmulo e Escultura da Família Vieira Braz" - Cimento e ferro - 1978 - Cemitério de Sumé.
- 46 - "Retrato do Casal João Aleixo Bezerra" - Têmpera/Eucatex - 1941 - 0,33 x 0,548m - Coleção João Aleixo Bezerra.
- 47 - "Flores para o Presidente Médici" - Técnica Mista/Eucatex - 1978 - 0,78 x 1,17m - Prédio do IAPAS - Sumé.
- 48 - "Abelardo aos 7 Anos" - Têmpera/Eucatex - 1947 - 0,55 x 0,443m - Coleção do Autor.
- 49 - "Abrace de Candidato" - Têmpera/Eucatex - Ass. Dat. 1967 - 0,435 x 0,36m Coleção Museu de Arte Assis Chateaubriand - FURNe.
- 50 - Foto do Artista no Atelier.
- 51 - O Artista trabalhando no Atelier-1983
- 52 - Lata onde o Artista preparava suas tintas em tempos passados.
- 53 - "Ninho de Reminiscências Preciosas" Cadeira projetada e construída pelo Artista - Década 30.
- 54 - "Pintura sobre Espelho" - Atelier do Artista.
- 55 - Interior do Atelier do Artista.
- 56 - "Pedro Américo" - Técnica Mista - Pintura no Atelier do Artista.

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DO
NORDESTE**

Prof. Guilherme Cavalcanti Cruz — Reitor

MUSEU DE ARTE ASSIS CHATEAUBRIAND

Prof. Edvaldo de Souza do Ó — Diretor

MOBRAL — Movimento Brasileiro de Alfabetização

Renault Vieira de Souza — Diretor

EQUIPE DO MUSEU

Maria Cristina Gomes Negrão — Museóloga

Mariene Braz Barros — Assistente Técnica

Marco Antonio Sales — Auxiliar Técnico

Dagmar Nunes Ribeiro — Secretária

Manoel Moura Diniz — Auxiliar

Severino Vicente de Andrade — Auxiliar

PROMOÇÃO

MUSEU DE ARTES "ASSIS CHATEAUBRIAND"-FURN

MOBRAL — MOVIMENTO BRASILEIRO DE
ALFABETIZAÇÃO — MOBRAL

APOIO

DEPUTADO EVALDO GONÇALVES

FRANCISCO DE ASSIS QUINTANS

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE

ADMINISTRAÇÃO: RONALDO CUNHA LIMA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SUMÉ

ADMINISTRAÇÃO: GENIVAL PAULINO DE SOUZA

AGRADECIMENTOS

AMAURY VASCONCELOS

JORNALISTA MACHADO BITTENCOURT

JORNALISTA OLIVEIRA FILHO

Impresso nas Oficinas da Grafset Ltda — Junho de 1984
Campina Grande Paraíba.

Seleção de Cores: Valdi Lira

Arte Final: José Ronaldo da Silva, Ildebrando Cassimiro
da Costa e Luiz Pedro Silva Costa

Fotolitos: Aderson Farias Filho

Composição: Raimundo Revoredo da Silva.

MUSEU DE ARTE ASSIS CHATEAUBRIAND
UNIVERSIDADE REGIONAL DO NORDESTE
MOBRAL

CAMPINA GRANDE – PARAIBA